

GUINÉ

Jorge Alves Araújo, ex-Furriel Mil. Op. Esp./RANGER, CART 3494
(Xime-Mansambo, 1972/1974)

ATAQUE AO XIME EM 16SET1972 – CART 3494 (ENTRE TROVÕES, RAIOS, GOLOS E BOMBAS)

- mescla de acontecimentos... e novas emoções para recordar -



1 – O AQUARTELAMENTO DO XIME

A funcionar como tampão de segurança ao tráfego rodoviário que circulava no troço «Xime-Bambadinca-Xime» e ao marítimo [Rio Geba] «Xime-Bissau-Xime», as várias gerações de ex-combatentes que cumpriram a sua missão ultramarina neste Aquartelamento sabem bem das dificuldades por que tiveram de passar. Algumas delas transformando-se em calvário permanente, pelas adversidades e desgostos produzidos, outras deixando marcas físicas e psicológicas insupríveis para o resto das suas vidas.

Convém recordar que a complexidade da missão acima descrita se agravou a partir do momento em que o efectivo da CART 1746 [1 GComb], comandado pelo Alf. Mil. João Guerra da Mata, instalados no Destacamento da Ponta do Inglês, recebeu ordens para o abandonarem regressando à sua CART, no Xime, de que era CMTD o Capitão António Vaz, com o acto a ocorrer em 7/8 de Outubro de 1968. Acredita-se que essa decisão foi da iniciativa do então Brigadeiro António de Spínola [1910-1996] como consequência da redistribuição das NT no terreno [P10009-LG].

Entretanto, vários têm sido os testemunhos insuspeitos aqui narrados sobre esse contexto, todos eles de sentido único e de absoluta concordância com o acima exposto, independentemente dos tempos em que tiveram lugar as ocorrências, dos seus actores ou das unidades militares envolvidas.

Destaco, tão-somente, dois exemplos ou duas imagens metafóricas de grande significado: a primeira da autoria do camarada Luís Graça “*Xime: uma descida aos infernos*” [P1317/8-LG], a segunda do camarada Beja Santos “*O Xime, sem ferro mas com fogo...*” [P2810-LG], ambos meus antecessores e, também eles, frequentadores assíduos daqueles circuitos pedestres.

Pelo Aquartelamento do Xime passaram, então, a CCAÇ 1550 [1966/68], a CART 1746 [1968/69], a CART 2520 [1969/70], a CART 2715 [1970/71], a CART 3494 [1972/73] e a CCAÇ 12 [1973/74].

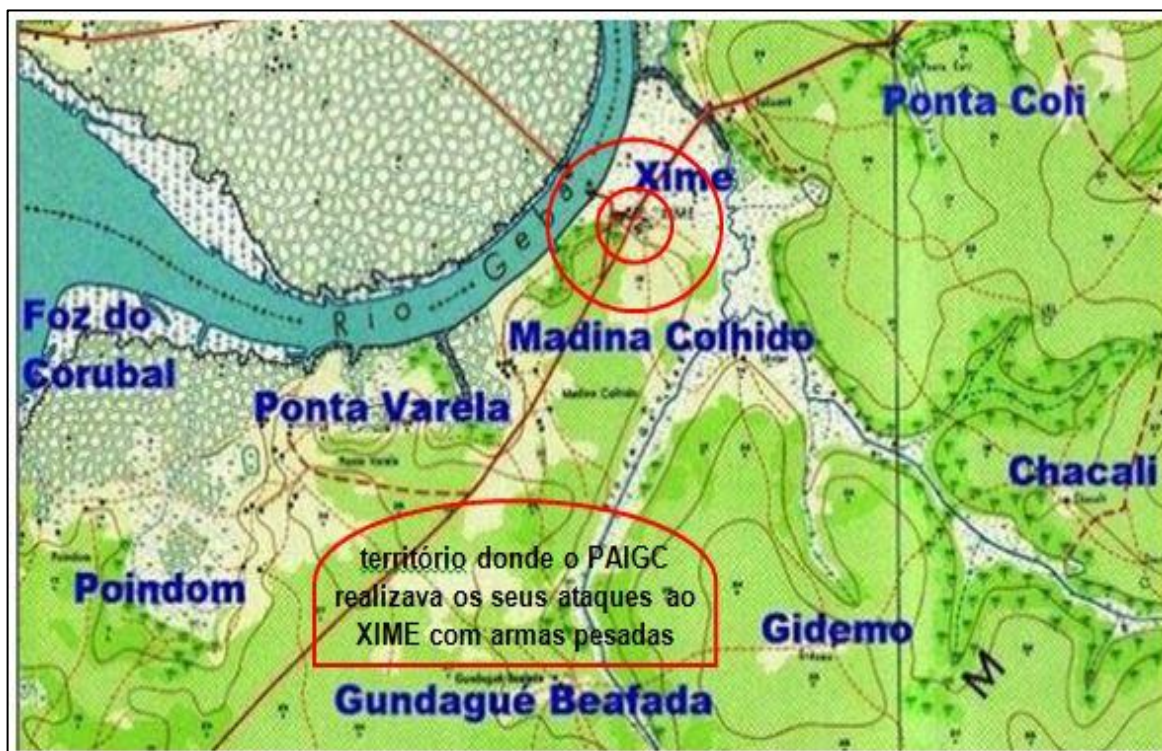
No que à Companhia de Artilharia 3494 [**CART 3494**] diz respeito, a terceira e última unidade operacional do contingente do BART 3873, sediado em Bambadinca, a sua chegada ao Xime verificou-se em 28JAN1972, 6.^a feira. Durante os treze meses contabilizados pela Companhia neste Aquartelamento [margem esquerda do Geba], muitas foram as flagelações que sofremos, quase todas elas com armas pesadas e, maioritariamente, à noite.

O primeiro destes ataques ocorreu em 19MAR1972, domingo, cinco dias após concluída a sobreposição com a CART 2715, e o seu início verificou-se por volta das 23:00 horas, com uma duração superior a meia hora.

Esta facilidade, e a frequência com que o PAIGC passou a realizar os seus ataques contra as NT aquarteladas no Xime, foi consequência do abandono da Ponta do Inglês, uma vez que a partir desse momento estavam/ficaram criadas todas as condições objectivas para a total circulação em liberdade dos efectivos destacados na Zona [no Poindom, no Baio, Rio Buruntoni, na Ponta Luís Dias ou no Fiofioli], bem como da gestão de toda a sua logística incluindo, entre outras, a construção de esconderijos para camuflagem do material pesado e o controlo da população aí residente.

Como se identifica no mapa abaixo, o território a sul do Xime até à mata do Fiofioli [margem direita do Corubal] estava completamente liberto e sem controlo das NT, independentemente da actividade operacional diversificada que por lá

realizávamos com regularidade, umas vezes mais curta outras mais distante ou prolongada no tempo, mas quase sempre para o “empate” [digo eu!]. Porém, o sentido destas acções não deixavam de contribuir para o aumento do consumo energético humano, com *deficit* de recuperação acumulado pelas sucessivas missões, corolário do trabalho físico [caminhadas intermitentes com obstáculos] e mental [concentração elevada, ansiedade e stress].



Mapa da Zona Leste > Sector L1 > Xime: o alvo de todos os ataques perpetrados pelo PAIGC. O território a Sul era percorrido com total liberdade pelos guerrilheiros, permitindo-lhes escolher, optar e/ou variar o local da colocação das suas armas pesadas, bem como definir a quantidade de munições a despejar e a duração temporal de cada um.

2 – XIME - 16 DE SETEMBRO DE 1972 - SÁBADO

Os pontos principais da presente narrativa, tal como tem acontecido com as anteriores de teor semelhante aqui divulgadas, emergem das vivências do contexto da nossa missão ultramarina. Cada um deles pretende ser um testemunho singular que, em interacção com os outros, procuram ajudar na compreensão mais global [para memória futura] sobre o quotidiano da vida dos ex-combatentes, dos momentos de alguma satisfação e prazer e de outros factos que apelavam à superação permanente e à solidariedade entre pares.

Deste modo, o relato desses factos socio-históricos identificados em cada um dos pontos a baixo, ocorrem num quadro mesclado de acontecimentos em cadeia

observados [e gravados...] na tarde/noite de 16SET1972, sábado, e que, tal como o título sugere, envolvem vários fenómenos: - a natureza, o desportivo e o militar, ou seja, trovoadas tropicais [raios e trovões], futebol [golos] e ataque com armas pesadas [material bélico].

2.1 – ANTES DOS FACTOS

O sábado, 16Set1972, estava a ser um dia normal, em que cada um de nós fez o que tinha a fazer, cumprindo as diferentes tarefas no quadro da organização militar - internas e externas - com destaque para a segurança à Ponta Coli, às embarcações civis que sulcavam o Geba e à vigilância do aquartelamento feita a partir dos postos colocados em locais estratégicos.

Por outro lado, a Guiné tem um clima tropical o que significa que tem duas estações distintas – a estação das chuvas e a estação seca. A primeira inicia-se em meados de Maio e a segunda em meados de Novembro, pelo que cada estação completa um ciclo de seis meses. Daí que Setembro é um mês que faz parte da primeira estação – a das chuvas – em que as precipitações são geralmente abundantes, tendo maioritariamente o seu início ao fim da tarde ou às primeiras horas da noite.

Esse dia 16Set1972 não fugiu a esta regra. Após o jantar na messe de sargentos recolhemos à nossa “tabanca” um pouco antes das vinte horas, para um merecido repouso, uma vez que a noite prometia vendaval, o que veio a verificar-se, como teremos a oportunidade de relatar no momento próprio. Inferindo-se da legenda abaixo [foto 3], para se chegar ao quarto era só atravessar a rua de terra batida, a única existente no interior do Aquartelamento e que unia as duas principais entradas – a porta-de-armas, com acesso ao Cais ou à estrada alcatroada em direcção a Bambadinca [foto 1; da esq^a.] e a da tabanca [foto 2; da dt^a.]





Foto 3 – Xime/1972 – No edifício da esquerda funcionava a secretaria, uma arrecadação, o armeiro e o quarto do Guia Malan [parte visível]. Nas traseiras; o quarto dos 1.ºs. Sarg. Bagorro e Simões, o bar/messe de sargentos, o WC e um pequeno abrigo de apoio. O edifício da direita estava dividido em quatro partes e era ocupado por furriéis. No quarto da esquerda, a que corresponde a janela sem protecção, residiam o C. Ferreira, o J. Godinho e o J. Araújo, trio de comando do 1.º GComb.



Foto 4 – Xime/1972 – Da esq./ditª – Cláudio Ferreira, João Godinho e Jorge Araújo, trio de furriéis responsáveis pelo 1.º GComb.

2.2 – OS GOLOS... O FUTEBOL... EM LISBOA

O camarada Cláudio Ferreira, que era [é] sportinguista ferrenho e uma enciclopédia da história do SCP [um forte abraço para ele], lembrou-se de que a 2.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol, daquela época: 1972/73, tinha um jogo antecipado para essa noite, e que era, nem mais nem menos, o [seu] Sporting com o União de Tomar, no Estádio José de Alvalade. Estávamos, então, na hora de tentar localizar a transmissão do relato na Emissora Nacional [EN], o que aconteceu. A partir daquele momento, na Guiné [Xime], eram mais três os que assistiam ao jogo através das imagens sonoras transmitidas pelo repórter de serviço [creio que era o Artur Agostinho (1920-2011), um dos mais brilhantes relatores desportivos da época].

Iniciado o jogo, e quando estavam decorridos apenas sessenta segundo, eis a primeira grande emoção da noite vivida pelo Ferreira por efeito da marcação do primeiro golo do Sporting. Foi seu autor Nelson que, apesar de ter visto o seu primeiro remate devolvido por um defesa opositor, a passe de Fraguito, conseguiu fazer a recarga vitoriosa, ainda que em desequilíbrio. Decorridos mais quatro minutos e nova emoção, para gáudio do Ferreira, com o segundo golo do Sporting obtido agora por Marinho, com remate forte e colocado, depois de se ter isolado na sequência de passe longo de Manaca. Aos 23 minutos, novo golo e novo momento alto no interior da “tabanca” do trio de combatentes/desportistas. Era o terceiro golo do Sporting, este concretizado pelo argentino Hector Yazalde [1946-1997], a grande esperança para os lados de Alvalade, esperança que se tornou realidade na época seguinte, pois Hector Yazalde viria a conquistar a Bota de Ouro Europeia, ao contabilizar 46 golos em 30 jogos com a camisola do SCP. E o intervalo chegou com o resultado em 3-0.

2.3 – OS TROVÕES... E OS RAIOS... NO XIME

Durante o decorrer da primeira parte, a principal atenção esteve focada,



naturalmente, nas peripécias do jogo e as emoções resultaram dos três golos obtidos. Nem nos apercebemos que, no exterior do quarto [tabanca], a noite tinha chegado e os ventos fortes transportavam cada vez mais nuvens, dando origem à queda de água com grande

abundância. Estava uma noite verdadeiramente tropical. O contacto directo com este fenómeno da natureza metia respeito a qualquer um de nós ou, como diz o povo, *era de meter medo ao susto*. Os trovões eram cada vez mais fortes, fazendo abanar os telhados de chapa dos edifícios ali à volta, enquanto os raios rasgavam, à nossa frente, o céu do Xime, iluminando todo o espaço físico do Aquartelamento [fotos 5 e 6]. Ainda assim a experiência estava a ser pedagogicamente interessante e daí a termos gravado na memória de longo prazo, e agora passada a escrito.



2.4 – O ATAQUE ... E AS BOMBAS... NO XIME

De regresso ao quarto para audição da segunda parte do jogo, voltámos à posição anterior [na cama] com a roupa que a nossa mãe nos deu durante a gestação. A partir de então passaram a ser mais perceptíveis os diversos sons em presença: o da rádio, os das ventoinhas presas aos ferros das cabeceiras das camas e os dos trovões cada vez mais intensos. Entretanto, um outro som se juntou aos anteriores, sendo que este já nos era, também, familiar neste contexto. Tratava-se do rebentamento de granadas de canhão sem recuo, enviadas lá das bandas de Gundaguê Beafada [mapa acima] conforme refere a HU [6.º fascículo - BART 3873].

Quando nos apercebemos que estávamos perante um novo ataque ao Xime perpetrado pelo PAIGC, o ritmo cardíaco e as emoções/tensões aumentaram, mas a reacção surgiu espontânea por parte da nossa equipa de artilheiros do 20º Pel. Art., sob a supervisão do Alf.Mil. Maurício Viegas e dos furriéis Manuel Lino e José Pacheco, coordenados pelo meu/nosso Capitão Pereira da Costa. Porém, a dificuldade maior que se colocou na prontidão das respostas das nossas bocas-de-fogo [obuses 10,5] residiu no facto de não ser possível identificar no imediato, com fiabilidade, o que era a claridade provocada pelos raios e a claridade produzida pelo material bélico. Mesmo assim não deixámos de comunicar com o IN.

Decorridos aproximadamente quinze minutos, deixámos de ouvir e/ou sentir os rebentamentos das granadas, todas elas atingindo pontos situados aquém ou além do alvo, que era o Aquartelamento do Xime e o seu efectivo militar, com excepção de uma granada que caiu a dez metros da messe de sargentos, situada

nas traseiras do edifício da foto 3, sem fragmentar, ou à mesma distância da foto seguinte [7].



Foto 7 – Xime/Set1972 - Espaço envolvente à messe de sargentos reconstruído pela CART 3494, onde é possível identificar a porta e a janela do Bar. A granada, anteriormente referida, caiu a dez metros do local onde me encontro na foto. [Na época das chuvas... uma carecada era uma boa decisão... muito higiénica e saudável].

A partir de então, o alerta manteve-se por mais algumas horas, não havendo, no entanto, danos a registar.

Quanto ao futebol, viemos a saber no dia seguinte, domingo, que o resultado final tinha sido de 4-0, sendo o último golo da autoria de H. Yazalde, aos 75', que assim bisou na partida.

Sobre os factos mais relevantes da segunda parte do jogo [que no Xime teve outros jogadores... outro ambiente e diferente dinâmica grupal... e outra excitação...], só tomámos contacto com eles depois da recepção do Jornal Desportivo «A BOLA», da edição de 2.^a feira, 18Set1972, pois este jornal, à época, era trissemanário [2.^a, 5.^a e sábado]. A sua remessa da Metrópole, maioritariamente a edição das segundas-feiras, tendo por objectivo o contacto com o fenómeno desportivo nacional e resultados do fim-de-semana, chegava-nos três dias depois, como aconteceu na situação presente.

Relembro que o tema sobre «o que a malta lia, nas horas vagas», foi já abordado por um grupo significativo de grã-tabanqueiros.

Como testemunho histórico, e para encerrar esta narrativa, aqui vos deixo a crónica escrita pela pena do saudoso e amigo Carlos Pinhão [1924-1993], sobre o jogo em apreço.

SPORTING, 4—UNIÃO DE TOMAR, 0

TALVEZ FRAGUITO

SE TORNE «PATRÃO»



Troféu Best de Futebol
Linha: João Nogueira, M. de Jesus
FRAGMENTO
Fraguito (1) e Viegas (1) 1-0
Fraguito (1) e Viegas (1) 2-0
Fraguito (1) e Viegas (1) 3-0
Fraguito (1) e Viegas (1) 4-0

... e, com a ajuda de alguns jogadores, conseguiu fazer o jogo ser interessante. Foi assim que, no fim do jogo, o Sporting saiu vencedor por 4-0.

Mas, por ser, realmente, um jogo de futebol, que se realizou em condições de jogo de futebol, houve de si o primeiro gol de Viegas, depois de uma jogada de Viegas e Carlos Pinhão, que estava no campo há pouco tempo, mas que acabou por marcar o primeiro gol do jogo.

... e, com a ajuda de alguns jogadores, conseguiu fazer o jogo ser interessante. Foi assim que, no fim do jogo, o Sporting saiu vencedor por 4-0.

CRÓNICA DE CARLOS PINHÃO

... e, com a ajuda de alguns jogadores, conseguiu fazer o jogo ser interessante. Foi assim que, no fim do jogo, o Sporting saiu vencedor por 4-0.

Reportagem em ALVALADE

SPORTING VERGOU-SE E FOI SUBJUGADO

— disse ANTONIO MEDEIROS, jogador do União de Tomar

... e, com a ajuda de alguns jogadores, conseguiu fazer o jogo ser interessante. Foi assim que, no fim do jogo, o Sporting saiu vencedor por 4-0.

Os 100 minutos

... e, com a ajuda de alguns jogadores, conseguiu fazer o jogo ser interessante. Foi assim que, no fim do jogo, o Sporting saiu vencedor por 4-0.

E agora a constituição das três equipas:

SPORTING C.P. – Damas; Pedro Gomes (cap.) (45m - Dinis), Laranjeira, Bastos e Carlos Pereira; Manaca, Fraguito e Vagner; Marinho, Yazalde e Nelson.

U. TOMAR – Nascimento; Kiki, João Carlos (cap.), Cardoso e Barnabé; Pavão, Manuel José, Raul (45m - Pedro) e Fernando (30m - Bolota); Raul Águas e Camolas.

Árbitro – João Nogueira, da A.F. Setúbal.

Porque cheguei ao fim de mais uma curta viagem pelas memórias do Xime envio, a todos vós, um forte abraço.

Jorge Araújo

06FEV2015